

2022

Agosto – Outubro

Ed. 39 - Vol. 3. Págs. 24-37



JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1



**DA SACRALIZAÇÃO AO
PURGATÓRIO: MATERNIDADE
COMPULSÓRIA E O MITO DO AMOR
MATERNO**

**FROM SACRALIZATION TO
PURGATORY: COMPULSORY
MATERNITY AND THE MYTH OF
MATERNAL LOVE**

Amanda Karolina Oliveira XAVIER
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail:
amandakarolinaxavier@catolicaorione.edu.br

Talita Maria Machado de FREITAS
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail: talita@catolicaorione.edu.br



RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo promover a emancipação da subjetividade feminina na contemporaneidade a partir da construção de uma visão crítica quanto ao processo histórico de construção do ser mulher. Dessa forma, este estudo propõe apresentar, analisar e discutir as produções sócio-histórico-culturais que atravessam a trajetória feminina, destacando essencialmente os estereótipos inventados e atribuídos ao gênero ao longo dos séculos. Neste sentido, a pesquisa terá como tema central a maternidade compulsória e o mito do amor materno, considerando que estas protagonizam o cenário feminino. Posto isso, este estudo se dará por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e integrativa, subsidiada por artigos, livros, revistas científicas e sites habilitados.

Palavras-chave: Maternidade compulsória. Mito do amor materno. Psicologia. Feminismo.

ABSTRACT

The present work aims to promote the emancipation of female subjectivity in contemporary times from the construction of a critical view of the historical process of construction of being a woman. Thus, this study proposes to present, analyze and discuss the socio-historical-cultural productions that cross the female trajectory, essentially highlighting the stereotypes invented and attributed to gender over the centuries. In this sense, the research will have as its central theme compulsory motherhood and the myth of maternal love, considering that these are the protagonists of the feminine scenario. That said, this study will take place through a bibliographic, qualitative and integrative research, subsidized by articles, books, scientific journals and enabled websites.

Keywords: Compulsory motherhood. Myth of motherly love. Psychology. Feminism.

INTRODUÇÃO

Verdade seja dita, o substantivo feminino sempre foi rodeado de estigmas, estereótipos e coerções sociais. Desde a pré-história até a contemporaneidade a sociedade moldou o papel da mulher de modo a atender às suas necessidades políticas, ideológicas e civis. De tal forma que grande parte da trajetória feminina foi marcada pelo silenciamento.

Amanda Karolina Oliveira XAVIER; Talita Maria Machado de FREITAS. DA SACRALIZAÇÃO AO PURGATÓRIO: MATERNIDADE COMPULSÓRIA E O MITO DO AMOR MATERNO. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. AGOSTO/OUTUBRO 2022. Ed. 39 Vol. 3. Págs. 24-37. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

Bourdieu (2003) alega que a subjetividade feminina é constantemente reprimida pelos padrões sociais, que regulam e oprimem a mulher, de modo a enviesar sua postura perante o mundo. O que torna inequívoca a ideia de que as mulheres ao passar dos anos, se tornaram reféns das projeções e expectativas da sociedade a ponto de se sentirem culpadas quando seus desejos particulares fogem disso.

Vance (1995) argumenta que existem múltiplos papéis de gênero na sociedade e que estes são distintos a partir da cultura e época. Neste sentido pode-se dizer, que existem igualmente, atributos designados a estes papéis, rotulando quem os exerce de modo a suprir os desejos e expectativas de quem os estabeleceu.

Para Almeida (2001) o poderio masculino foi imposto como norma direta e simbólica por meio da socialização destes papéis sexuais, onde a mulher esteve voltada ao espaço privado enquanto o homem ao meio público. Os espaços de vida feminina nesta lógica, estariam limitados à vida conjugal e doméstica, cabendo à mulher somente atuar como coadjuvante.

O patriarcado sustenta a ideia de que a conduta da mulher deve ser subalterna ao homem, o que neste sentido não só negou como infringiu por anos, o direito da mulher de se constituir como ser autônomo no mundo. A exclusão de movimentos políticos, a negação do direito ao voto, ao estudo, a inserção no mercado de trabalho e até mesmo ao divórcio são expressões disso.

A exigência de determinadas vivências e posturas a ponto de soar como dever, unicamente pelo fato de o ser, não só reforça como torna inegável a ideia de que ao longo dos anos retiraram a tutela dos corpos femininos sobre seus direitos. A gestação por exemplo, por se tratar de uma vivência exclusiva às mulheres cisgenero, passou a ser cobrada de forma tão nefasta, a ponto de a identidade feminina ser percebida como indissociável da materna.

Neste sentido, a partir da visão da supremacia, não somente o desejo de gestar, mas a significação afetiva deste processo, deveriam surgir de forma inata, instintiva e imediata. Sendo amor, taxado historicamente, como o principal, sagrado, universal e irrevogável sentimento da relação maternal, já que o feminino é tido como o gênero do amor e do cuidado.

Badinter (1985) em desacordo com o instituído, propõe o desmonte histórico dessa afirmação, minimizando a dimensão do enaltecimento em torno da maternidade e propondo que o amor materno inato é um mito. Tal colocação foi substancial para

elaboração inicial do processo crítico relacionado à temática, tendo em vista a midiática e exorbitante normatização do papel da mulher e sua correlação com o ser mãe.

Por décadas o ser mãe foi visto como sinônimo de completude. Apesar dos ganhos e direitos assegurados a partir dos movimentos sociais tal qual o feminismo, as mulheres que afrontam as normas sociais pré-estabelecidas e a partir da oportunidade de escolha optam por seguir seus desejos pessoais, o que por vezes podem não ir de encontro com o maternal, são tidas como vazias, infelizes e inadequadas.

A partir disso, foi percebida e nomeada a famigerada maternidade compulsória. Uma projeção externa da sociedade sobre a mulher, quanto ao maternal antes mesmo de ser um anseio legítimo. Santos (2017) afirma que a função desta projeção e pressão social é manter as mulheres reféns como eternas subordinadas, às coibindo de administrar até mesmo sua própria função reprodutiva e seus reais desejos. E não seria mesmo?

A compulsoriedade no universo feminino é fruto e reflexo de todo o exposto, deste processo histórico de construção de uma sociedade que a partir do patriarcado se tornou misógina, falocêntrica e controladora. Persuasiva a ponto de condicionar os organismos a nutrir seus interesses involuntariamente. O que traz questionamentos como: até que ponto o desejo da mulher é genuíno? Ou melhor, até que ponto a percepção sobre o próprio desejo não é condicionada?

Neste contexto, este artigo tem como objetivo específico compreender, expor e debater o enraizar da maternidade na subjetividade feminina, a partir de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e integrativa. De modo a defender os direitos e a autonomia da mulher sobre seu eu físico e psíquico. Destacando a necessidade de uma visão crítica frente às suas vivências, e sua liberdade de escolha diante das situações experienciais, em especial a experiência maternal.

Dessa forma, o propósito geral para alcançar o almejado, é traçar um paralelo entre o mito do amor materno e a maternidade compulsória, pontuando os aspectos históricos em torno, como a construção do feminino e os movimentos em prol da ressignificação do mesmo. Apresentando assim reflexões pautadas na ciência, em prol do empoderamento.

Neste sentido, frente às menções anteriores e à percepção de que por décadas as mulheres estavam alheias à significação da sua própria existência, justifica-se a produção deste trabalho, pois se tem a ideia de que esta produção pode somar no processo de emancipação da subjetividade feminina e auxiliar no movimento de promoção da liberdade integral da mulher, sem aprisionamentos psicológicos.

METODOLOGIA

De cunho qualitativo, o presente estudo se trata de uma pesquisa bibliográfica, expositiva, explicativa e integrativa, cujo objetivo é conectar ideias de modo a fornecer uma análise que proporcione a construção de um olhar crítico acerca da temática proposta. Deste modo, o mesmo será pautado no conhecimento científico disponibilizado em sites, livros, artigos e revisões literárias.

A predileção pela tipologia de pesquisa se deu a partir da compreensão de que a pesquisa bibliográfica integrativa além de proporcionar a síntese de conhecimentos, possibilita a exposição de conteúdos de forma dialogada, permitindo assim que o pesquisador realize a inclusão de materiais experimentais e unilaterais. Levando o leitor a obter uma compreensão mais ampla frente ao objeto investigado.

Nesta perspectiva, este artigo apresenta visões críticas e teóricas dos mais diversos produtores, uma vez que os critérios de inclusão abarcam campos que dialogam com as tangentes do mundo feminino, mais especificamente as de mulheres heteronormativas inclusas na sociedade brasileira. Cabendo então o estudo dos domínios da antropologia, dos feminismos, da psicologia, da filosofia e das áreas de debates sobre sexualidade e gênero.

Dessa forma, periódicos, fruto de revisões de caráter internacional, e elaborados no Brasil, entre os anos de 1940 e 2022 e disponibilizados em sites como: *GoogleAcadêmico*, *Pepsic*, *SciELO*, serviram de aporte para viabilizar o processo; uma vez que os descritores delineados foram: maternidade compulsória, saúde da mulher, mito do amor materno, feminismo, estereótipos atribuídos ao gênero, coerções sociais, dentre outros.

DESENVOLVIMENTO

O inconsciente coletivo da sociedade brasileira parece ainda residir na ideia de que o desejo de ser mãe e seus atributos sociais são passados pelos corpos femininos através do cordão umbilical. Considerando que, tem-se ainda, notoriamente, a ideia de que mulheres são cuidadoras natas, a ponto de colocá-las a treinar suas habilidades desde a infância, a partir do brincar.

Bonecas e mini utensílios domésticos sempre protagonizaram o mundo da diversão feminina, as prateleiras de brinquedos e recursos lúdicos das lojas e brinquedotecas infantis de fato dividem sexualmente os brinquedos, não cabendo à sessão masculina os que remetem ao cuidado; o que nada mais é que materialização expressa dos papéis de gênero.

Amanda Karolina Oliveira XAVIER; Talita Maria Machado de FREITAS. DA SACRALIZAÇÃO AO PURGATÓRIO: MATERNIDADE COMPULSÓRIA E O MITO DO AMOR MATERNO. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. AGOSTO/OUTUBRO 2022. Ed. 39 Vol. 3. Págs. 24-37. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

É a partir do brincar que a criança elabora suas emoções e atribui significado a sua vivência. Nascimento (2016) afirma que a criança ao se apropriar e usar de recursos propiciados e referendados pelos adultos, contracenando as próprias vivências, acionando simultaneamente os valores de gênero socialmente estabelecidos, ou seja, a partir do brincar ela absorve e internaliza facetas de sua cultura.

Da mesma forma, Grisci (1995) também afirma que as intervenções que alicerçam e nutrem as bases da diferenciação de gênero, ocorre na infância, obviamente de maneira mais sutil, porém não menos acirrada, em nível de cobranças quanto à execução do papel por ora ou ao decorrer da vida.

Logo, os valores e sentidos repassados e aprendidos a partir da relação entre os adultos e as suas crianças, têm notoriamente grande influência na construção da historicidade coletiva, em seus aspectos sociais, culturais e até mesmo subjetivos. Uma vez que, estas crianças, ainda em desenvolvimento, assumirão o papel de nutrir, perpetuar ou alterar as práticas culturais construídas.

Nesta lógica, cabe continuar a analisar de forma mais específica como foi e tem sido construído o feminino na sociedade Brasileira a partir dessas doutrinas culturais e quais as produções e os impactos dessa cultura na vivência das hoje então, mulheres.

Construção do “Ser Mulher” na Sociedade Brasileira

Desde os primórdios as mulheres foram ensinadas a figurar histórias masculinas como coadjuvantes. Badinter (1985) ao longo de sua obra expõe como em cada uma das épocas as mulheres eram manipuladas a seguir doutrinas criadas em favor da heteronormatividade social que privilegiava o falocentrismo.

O cristianismo, influente direto na construção da cultura brasileira, foi um dos mecanismos usados pelo homem para criar o molde do ideal feminino. Neste sentido, Maria a mãe imaculada que carrega a história fantasiosa da concepção de Jesus de forma assexuada, surge na igreja com a intenção de substituir o referencial de mulher, antes ocupado por Eva a mulher sedutora e pecadora que carrega uma conotação vulgar.

A mariologia retoma então o ideário de pureza, submissão, cuidado e auto sacrifício, gerando também a ideia de dons maternos instintivos. Assim os homens protegidos pelos fundamentos religiosos remetidos ao feminino, condicionaram as mulheres desde a sua infância a serem subalternas e alheias ao domínio da sua própria construção, reproduzindo apenas o esperado.

Pescatello (1973) descreve estes aspectos da cultura brasileira como um ideal passivo feminino. Neste sentido, vale dizer que a mulher foi construída e moldada para este lugar de passividade, de não expressão e de silenciamento. Buscando de forma consciente e inconsciente se enquadrar, sem questionamentos, nas fôrmas da sociedade.

Não só a forma de falar, vestir e se portar foram aprendidas e controladas. Os corpos femininos principalmente no que tange a sexualidade, também foram alvos de disciplinamento, o tabu da virgindade, da masturbação, o voto de castidade e a medicalização dos sintomas de desconforto serviram de instrumento (SOARES, 2010)

Neste sentido, a mulher experiencia em seus aspectos biopsicossociais um exercício contínuo de adestramento e adequação. Seja eles, a orientação sexual, o peso, a cor, o cabelo, a postura, a roupa, as práticas sexuais, a profissão, a identidade, as predileções, ou tudo que envolve o mais íntimo da subjetividade feminina.

Assim pode-se dizer que o processo de construção do feminino ainda problemático, está em trâmite, uma vez que como já mencionado, a sociedade se movimenta conforme suas necessidades. Porém pode-se dizer também que hoje algumas mulheres participam ativamente dele.

Sacralização e Romantização da Maternidade e Olhar de Estranhamento Sobre as Mulheres

Inexiste forma de tratar sobre a maternidade em uma sociedade cuja religião cristã predomina sua cultura, senão a partir dos pressupostos bíblicos. Não há debates sobre a elaboração da maternidade, sem se falar dos discursos religiosos que envolvem Maria, a sagrada mãe de Jesus e seu amor redentor. Já que foi a sua imagem que auxiliou na consolidação do estereótipo da maternidade na cultura brasileira.

O arquétipo feminino atual ainda recebe influência direta da figura de Maria. A sociedade brasileira, ancorada nos pressupostos religiosos, produziu e ainda produz discursos que sacralizam e romantizam a maternidade e o amor a partir dela, os colocando como eixo central, substancial e inexcludente da vida da mulher.

O modelo normativo nesta perspectiva coloca o órgão reprodutor da mulher como o centro de seu corpo e assim a maternidade assume o lugar de essência, anulando as outras perspectivas do mundo feminino e encobrendo a diversidade no que tange a feminilidade e as formas de maternar (SOARES, 2010).

A partir dessa perspectiva, se reitera a ideia de que a maternidade é o principal evento da vida da mulher, sendo ele a sua maior fonte de realizações. E a relação entre os

pares (mãe e filho) deve ser como proposto pelo modelo, nutrida pelo irrevogável e inesgotável amor da mãe.

Por outro lado, o encaixe perfeito no molde de maternidade ideal apresentado pela igreja, é irreal e tão somente pode trazer sofrimento, uma vez que a mãe modelo, não passa pela desonra do pecado original (ato sexual) apresentado nas escrituras, pois ela foi consagrada mãe por excelência. Não cabendo a outra mulher vivenciar a maternidade de forma impecável.

Desta forma, diante da não possibilidade de gestar de forma pura como o referencial, e alcançar a admissão social, caberia a mulher antes de tudo, ser uma boa mãe. Sinônimo de zelo, cuidado e compreensão. Abdicando se necessário, dos seus desejos em prol da criação do filho, e assim, se livrando do processo de culpa introjetado.

A romantização e universalização do amor materno, além da maternidade da culpa traz e fomenta também estigmas e julgamentos que recaem sobre as mulheres que não vivenciam a maternidade. Isto desencadeou nas mulheres que não tinham o desejo de ser mãe a sensação de inadequação social (CORREIA, 1998).

O olhar de estranhamento, a exclusão e a desvalorização social das mulheres que optam por desenvolver outros papéis sociais, trazem consequências psíquicas tão nefastas e atingem níveis de sofrimento tão significativos que levam por vezes algumas a repensar a recusa da maternidade na tentativa de pertencer.

Por outro lado, ao tempo que a maternidade traz ascensão e status social à mulher, promovendo a sensação de pertencimento, a partir da sua sacralização, a sociedade invisibiliza e marginaliza da mesma forma as mulheres cuja vivência maternal não seguem os rótulos normativos.

Neste sentido as mulheres que destoam das normas e regras sociais, não performando o papel feminino pré-estabelecido, como as mães solo e mulheres transexuais vivem uma realidade alheia às mulheres e mães heteronormativas, sendo ao contrário de acolhidas condenadas no plano moral.

O Mito do Amor Materno

O mito de modo geral exerce grande influência na formação da identidade e cultura de todo um povo. Eles em sua grande maioria surgem como expressão simbólica na formação das crenças e sentimentos desse coletivo, o que afeta diretamente a construção individual e subjetiva de cada um. Souza e Ferreira (2005, p. 19) afirmam:

[...] que, nos relatos mitológicos [...], as imagens de mãe e mulher já se apresentavam indissociáveis, contribuindo para que, historicamente, a maternidade tenha sido considerada uma vicissitude biológica, isto é, uma decorrência natural e inevitável à condição feminina, ainda que saudável e desejável. Consequentemente, as mulheres mães alcançavam reconhecimento perante a sociedade e desenvolviam uma identidade positiva, enquanto as não-mães recebiam rótulos negativos.

A ideia de uma identidade indissociável de um papel social, reforçada a partir das mitologias e discursos midiáticos, construiu de forma alienada a visão da mulher sobre si de. Deste modo ao longo dos anos as particularidades e subjetividades não foram percebidas ou esboçadas e assim todas as mulheres foram colocadas no pacote da mãe-mulher

Elisabeth Badinter em desacordo com o vivenciado pressupõe o "mito do amor materno" na tentativa de tocar as mulheres e auxiliar nos seus processos de construção individual a partir da desconstrução das crenças em torno da maternidade. Assim é proposto o desmonte histórico das afirmações de que o amor materno é inato.

Badinter (1985) compreende a maternidade como uma construção social enraizada simbolicamente. No Brasil essa representação está fortemente atrelada como já mencionado ao cristianismo, onde uma das figuras principais é uma mãe cujas principais características são o amor e o auto sacrifício.

Neste sentido as mulheres inseridas na sociedade cuja maior referência de mulher, e uma mãe coadjuvante da maior história do mundo, reconhecida pelo seu inexplicável e inesgotável amor maternal, são condicionadas a vangloriar a maternidade e desejar experienciar em algum momento de suas vidas esse amor inefável.

Badinter (1985) também afirma que o amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de inerência, que se enraizou com facilidade, a crença de que tal sentimento faz parte da natureza da mulher, seja qual for a realidade ou as circunstâncias.

Neste sentido, considerando que como mencionado por Szapiro (2008), a reprodução não deveria ser considerada como destino inevitável da mulher, mas sim como uma opção. A construção dessa ideia surge para desassociar e desmistificar a crença da manifestação do amor na maternidade de forma imediata e inata.

Movimento Feminista e a Mulher na Contemporaneidade

Respondendo à demasiada pressão social sobre a mulher a filósofa Simone de Beauvoir (1970), publicou em 1949 o Segundo Sexo, uma produção cujas principais ideias fundamentaram e desencadearam as lutas antideterministas, antisistemicas e antisexistas

atuais. A crítica da feminista provocou os primeiros movimentos em torno da perspectiva de gênero.

A problematização do sistema patriarcal, a luta por políticas públicas de assistência, pela contracepção livre, pela igualdade de gênero e pelo direito de se constituir enquanto mulher conforme seus desejos, foram nichos da primeira e segunda onda do movimento em prol da evolução sadia e segura da mulher.

Foram as mulheres engajadas no feminismo que ao perceberem as disparidades no que tange aos direitos sociais e políticos, que reiteraram a necessidade de debates sobre gênero para potencializar o enfrentamento das desigualdades. A partir disso, temáticas como a desvalorização das mulheres, e a naturalização do comportamento dos homens frente a mesma vivência e conduta passaram a ser colocados em discussão.

Neste sentido, o patriarcado passou a ser alvo de denúncias durante a segunda onda do movimento. Uma vez que o mesmo foi percebido como principal promotor de exclusão feminina, já que historicamente responsabilizou as mulheres sobre a criação dos filhos e os afazeres que se restringem a área privada, as eximindo a possibilidade de adentrar o meio público.

Para Scavone (2001), foi somente depois da segunda metade do século XX que a maternidade passou a ser percebida como uma construção social que designa o lugar da mulher na sociedade em seu próprio lar. Após a compreensão desta realidade o cenário feminino mudou, uma vez que a partir da consciência, surgiu na mulher o desejo de emancipação e dissociação do papel materno.

Não se pode negar que, nos anos mais recentes, ocorreram grandes mudanças no cenário feminino, a evolução das leis expressa o reconhecimento dos direitos da mulher. A possibilidade de recusar ou adiar da maternidade, foi conquistada. Tem-se políticas públicas de assistência global à mulher.

Muda a percepção e concepção social de feminilidade, às relações entre os pares, às formas de conjugalidade e à própria visão da maternidade. As mulheres brasileiras entram no modelo de família moderno pela via de uma recusa definitiva da maternidade e assim ocupam espaços públicos.

Assim, se torna indiscutível, portanto, que a visão da mulher, principalmente com relação a maternidade nunca mais será a mesma após feminismo, e os mais singelos movimentos que debatem gênero.

RESULTADOS

Uma amostragem dos artigos estudados ao longo da elaboração do trabalho estão apresentados e subdivididos na tabela em 5 (cinco) seções, considerando a dinâmica como facilitadora no processo de compreensão e análise dos dados. Desta forma a organização segue a seguinte ordem: Base de dados (corresponde a fonte viabilizadora); Ano (corresponde ao ano de publicação); Título (corresponde ao tema principal); Autores (corresponde aos produtores do texto); Objetivo/Temática (corresponde ao assunto principal discutido).

Os estudos apresentados em tabela são de cunho multidisciplinar, tendo em vista que os responsáveis por estes estudos estão em processo de graduação ou atuando nas áreas do direito e psicologia. Quanto aos métodos, foram utilizadas abordagens qualitativas, entrevistas em pesquisas de campo e revisões bibliográficas:

33

Quadro 1 - resumo dos artigos/periódicos selecionados para construção do presente estudo

Base de dados	Ano	Título	Autor(es)	Objetivo/Temática
Google Acadêmico	2019	A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher	BERNARDES, R.; LOURES, A. F.; ANDRADE, B. B. S.	Romantização da maternidade e seus reflexos
Google acadêmico	2021	As Representações Sociais da Maternidade e o Mito do Amor Materno	DAMACENO, N. S.; MENEZES, N. R. C. D.; MARCIANO, R. P.	Construção histórica do mito do amor materno e concepções da maternidade
Google Acadêmico	2022	A maternidade compulsória e o “aborto paterno”: uma análise acerca da problemática enraizada nas sociedades heteronormativas.	ENDL, J. A.	Análise dos padrões comportamentais estruturalmente construídos
SciELO	2012	Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos.	BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L.	O significado de ser mulher na contemporaneidade

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

DISCUSSÃO

Para a elaboração deste estudo de forma adequada, seguindo o protótipo criado, considerando a visão crítica que a prática diária necessita, foram estabelecidas 4 (quatro) das 6 (seis) fases instituídas, sendo elas: Pergunta norteadora, Busca ou amostragem na literatura.

Amanda Karolina Oliveira XAVIER; Talita Maria Machado de FREITAS. DA SACRALIZAÇÃO AO PURGATÓRIO: MATERNIDADE COMPULSÓRIA E O MITO DO AMOR MATERNO. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. AGOSTO/OUTUBRO 2022. Ed. 39 Vol. 3. Págs. 24-37. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

1ª Fase: Pergunta Norteadora

A revisão foi elaborada a partir desta primeira etapa, onde através dela foi possível reconhecer a problemática e delimitar o tema. O primeiro contato com o assunto se deu a partir de um debate acadêmico sobre gênero, onde surgiram diversas indagações. Levando ao estudo mais aprofundado da temática e trazendo mais questionamentos.

A partir disso, definida a pergunta, foi desenvolvida a pesquisa baseada em estudos de autoras renomadas no campo da ciência, como: Elisabeth Badinter, Simone de Beauvoir, Lucila Scavone e uma gama de literatos que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

Dessa forma, compreendendo todo o trabalho que os autores já realizaram, assim como a importância que possuem para a construção de um novo conceito sobre o poder da mulher, dissociado da maternidade. Foram reunidos de modo a somar, os campos da sociologia, antropologia, psicologia e filosofia.

Assim, em consonância com o já exposto na parte introdutória e tendo como proposta analisar e discutir teorias já publicadas, a partir da metodologia de pesquisa, reconhecendo suas contribuições, foi delimitado o objeto de pesquisa e as palavras chave norteadoras sendo elas: maternidade compulsória, saúde da mulher, mito do amor materno, feminismo, estereótipos atribuídos ao gênero, coerções sociais, dentre outros.

2ª Fase: Busca ou Amostragem na Literatura

Após a definição da pergunta norteadora e o delineamento do tema foi iniciada a busca por produções literárias e materiais referenciais que abarcassem ou se relacionassem com tema definido. Para este fim, considerando a possibilidade de acessar os mais diversos campos do conhecimento, usou-se como base de dados *GoogleAcadêmico*, *Pepsic*, *SciELO* e outras revistas digitais.

Para proporcionar um estudo fidedigno conforme o proposto, a partir do tema central foram utilizados critérios de inclusão e exclusão, de modo a selecionar e descartar materiais condizentes ou não com o tema. Sendo os critérios de inclusão: maternidade compulsória, saúde da mulher, mito do amor materno, feminismo, estereótipos de gênero, construções sociais, cultura e outros. Tornando-se os de exclusão: maternidade como fonte de realização, amor maternal, potencial maternal.

3ª Fase: Coleta de Dados

Em uma revisão bibliográfica integrativa, coletar dados de modo a reunir conteúdos para estudo é irrecusável, uma vez que não há análise e sínteses de conhecimento sem recursos. Nesta perspectiva foram coletados e reunidos conteúdos nas mais diversas plataformas. Considerando as diferentes formas de exposição de conhecimento. Aglomerando assim cerca de 30 dispositivos.

Ensaaios, teses, livros, revisões literárias, artigos, monografias, pesquisas de campo e todos os outros produtos com potencial fornecer embasamento teórico fidedigno foram incluídos. Não foram somente, considerados, estudos que antecedem os anos 1940, uma vez que este trabalho apesar de considerar os escritos históricos mais antigos, busca produções que contemplem a realidade atual, considerando que a sociedade está em constante movimento.

4ª Fase: Análise dos Dados

Nesta última fase, ao analisar os conteúdos foi percebido um crescente interesse pela temática, tendo em vista a quantidade de obras produzidas nas últimas décadas. Esta temática que antes era pouco vista, em detrimento dos tabus que a cercam, tem tomado então, lugar nos debates, estando assim em ascensão.

O reconhecimento do tema como um problema social e o interesse das ciências sociais em compreender e promover visibilidade tem sido bastante perceptível. Direito, psicologia, antropologia, história e sociologia ocuparam lugar de destaque nas pesquisas, uma vez que estes campos têm produzido quantidade e qualidade significativa de conteúdos relacionados, comparado aos anos passados.

Outro ponto bastante importante percebido foi o diálogo multidisciplinar entre as áreas para a construção dos trabalhos. A grande maioria, assim como este estudo considerou a mulher como um ser biopsicossocial, realizando uma visão holística sobre ela e assim considerando todas as esferas dos processos que a incluem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade ainda submete as mulheres a padrões irrealistas através de seus discursos e mitos engendrados. Muitas sentenças recaem ainda sobre os corpos femininos antes mesmo de serem corpos formados. Como apresentado no texto, há ainda muitas exigências de posturas e condutas direcionadas a mulher.

Porém, por outro lado, como pode ser observado as mulheres após os anos saíram desse lugar de total passividade e foram em busca de movimento. O feminismo descortinou a verdade e mostrou à mulher que ela nunca esteve nesse lugar de incompletude e fragilidade que a sociedade tanto a coloca, iniciando assim o processo de emancipação feminina.

Neste sentido, apesar dos discursos ideológicos machistas e maternalistas, atualmente as mulheres assumem uma posição bastante crítica com relação às suas facetas. A maternidade apesar de ainda compulsória passou a ser questionada por grande parte da comunidade e a noção de urgência quanto a ascensão feminina na esfera pública alcançou até mesmo o legislativo.

Estes processos somente se deram a partir da noção de que a construção das subjetividades femininas não são homogêneas. Por isso, continuar a trilhar o caminho compreendendo e respeitando as particularidades de cada mulher reafirmará que a maternidade é apenas mais uma das possibilidades e direitos femininos. Não devendo ser negada, nem determinada, nem idealizada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. O. **Mulheres que matam**: universo imaginário do crime no feminino Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 577–587, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-71822012000300011>. Acesso em: 24 set. 2022.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. pp. 24-80. (Edição original: *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949).

BERNARDES, R.; LOURES, A. F.; ANDRADE, B. B. S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2Sup, p. 68–75, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1956>. Acesso em: 10 set. 2022.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORREIA, M. J. Sobre a maternidade. **Análise psicológica**, v. 163, 365-371, 1998.

Amanda Karolina Oliveira XAVIER; Talita Maria Machado de FREITAS. DA SACRALIZAÇÃO AO PURGATÓRIO: MATERNIDADE COMPULSÓRIA E O MITO DO AMOR MATERNO. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. AGOSTO/OUTUBRO 2022. Ed. 39 Vol. 3. Págs. 24-37. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

DAMACENO, N. S.; MENEZES, N. R. C. D.; MARCIANO, R. P. As Representações Sociais da Maternidade e o Mito do Amor Materno. **Perspectivas em Psicologia**, v. 25, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/kkgjhyrqrtzpyjrgzvfhvqt/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2022.

ENDL, J. A. A maternidade compulsória e o “aborto paterno”: uma análise acerca da problemática enraizada nas sociedades heteronormativas. **Unijui.edu.br**, 2022. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/7402>. Acesso em: 2 out. 2022

GRISCI, C. L. I. Mulher - mãe. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 15, n. 1-3, p. 12–17, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-98931995000100003>. Acesso em: 11 out. 2022.

NASCIMENTO, A. C. de O. Divisão sexual dos brinquedos infantis: uma reprodução da ideologia patriarcal. **O Social em Questão**, v. 17, n. 32, p. 257–276, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552264723012>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PESCATELLO, A. The brasileira: images and realities in writings of machado de assis and jorge amado. In: PESCATELLO, A. (org.). **Female and male in latin America**. Essays. 1973. pp. 29-58.

SANTOS, C. **O que é maternidade compulsória?** Medium corporation, 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-%c3%a9-maternidade-compuls%c3%b3ria-f23fd1643c6a>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SCAVONE, L. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**. São Paulo: Cadernos Pagu, 2001.

SOARES, G. S. Experiências reprodutivas e desejos de maternidade em lésbicas e bissexuais. **Anais do Congresso Fazendo Gênero 9**, diásporas, diversidades, deslocamentos da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. UFSC, 2010.

SOUZA, D. B. L; FERREIRA, M. C.. Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 19-25, 2005.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>. Acesso em: 03 set. 2022.

SZAPIRO, A. M.; CARNEIRO, T. F. Construções do feminino pós anos sessenta: O caso da maternidade como produção independente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, 179-188, 2008.

VANCE, C. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, 1995.

VIEIRA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, n. spe, p. 207–238, 2005. <https://doi.org/10.1590/s0102-44502005000300012>. Acesso em: 06 out. 2022.

Amanda Karolina Oliveira XAVIER; Talita Maria Machado de FREITAS. DA SACRALIZAÇÃO AO PURGATÓRIO: MATERNIDADE COMPULSÓRIA E O MITO DO AMOR MATERNO. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. AGOSTO/OUTUBRO 2022. Ed. 39 Vol. 3. Págs. 24-37. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.